

Barreiras à Importação

Naercio Menezes Filho, <http://naercio.insper.edu.br>

O governo federal está implementando uma série de medidas para dificultar a entrada de produtos importados no Brasil. Primeiro, as alíquotas para importação de brinquedos foram elevadas de 20% para 30%. A partir de julho, os produtos eletroeletrônicos importados só poderão ingressar no Brasil se contarem com o selo de qualidade do Inmetro. Além disso, o governo brasileiro estuda aumentar as tarifas de importação dos produtos têxteis, calçados e dos eletro-eletrônicos.

O objetivo dessas medidas é proteger a indústria doméstica da concorrência internacional, afinal, a participação de produtos importados no consumo doméstico chegou a 20% no ano passado. Será que essas medidas protecionistas fazem sentido?

Parece-me que não. O que essas medidas fazem é simplesmente transferir renda dos consumidores para os empresários dos setores afetados, num momento em que a indústria nacional vai de vento em popa.

Dados do IBGE mostram que a produção industrial cresceu cerca 10% em 2010 com relação ao ano anterior. O emprego na indústria, por sua vez, cresceu 3,4 % no ano passado, a maior elevação desse o início da série histórica. A maior participação dos produtos importados no mercado doméstico ocorre simplesmente porque o crescimento da indústria tem se mostrado insuficiente para atender ao crescimento da demanda doméstica. A diferença está sendo suprida pelos produtos importados (que também contribuem para aumentar a demanda com seus preços mais baixos).

Mas, por que a indústria brasileira não consegue acompanhar o crescimento do mercado doméstico? O principal problema da indústria é a sua baixa competitividade relativa aos concorrentes internacionais. As razões para isto estão relacionadas ao famoso 'custo Brasil' (ineficiências na infra-estrutura e na administração pública), mas também ao baixo crescimento da produtividade nas empresas nacionais. E a produtividade das empresas brasileiras cresce pouco porque a taxa de inovações é baixa, porque faltam trabalhadores educados em escolas de qualidade e porque as práticas gerenciais na maior parte das empresas são ultrapassadas. Na China, por exemplo, a produtividade tem crescido aceleradamente, a obtenção de patentes também e a qualidade da educação de uma das suas maiores cidades (Xangai) é melhor do que em todos os países da OCDE, segundo a última avaliação do PISA.

Ao aumentar as tarifas de importação, o governo diminui a concorrência e provoca uma acomodação dos setores beneficiados, o que tende a diminuir ainda mais as inovações e o crescimento da produtividade das empresas brasileiras. Ou seja, o resultado final é o oposto do esperado. Uma das únicas justificativas possíveis para o aumento de tarifas seria preservar o emprego nos

setores protegidos, sob a hipótese de que eles não poderiam trabalhar em outro setor. Mas, mesmo essa justificativa é implausível numa época em que a economia brasileira aproxima-se rapidamente do pleno-emprego.

Por fim, o aumento das tarifas impede que as firmas brasileiras adquiram insumos internacionais mais avançados tecnologicamente, o que também contribui para diminuir a sua produtividade e a competitividade. Um artigo recente¹, por exemplo, utilizou o episódio de liberalização comercial na Índia nos anos 90 para mostrar que a redução de tarifas foi responsável por cerca de 30% dos novos produtos introduzidos pelas firmas indianas, através da utilização de novas variedades de insumos que eram muito caros quando as tarifas eram elevadas. A introdução de novos produtos, por sua vez, foi responsável por 25% do crescimento da produção manufatureira indiana.

Assim, a abertura comercial aumenta a variedade de bens disponíveis para os consumidores tanto diretamente, através de novos produtos importados, como indiretamente, através da introdução de novos produtos pelas firmas domésticas. Os consumidores gostam de ter muita variedade para poder escolher o seu produto preferido.

Já os formuladores da nossa política comercial preferem que haja pouca variedade, desde que ela seja integralmente produzida por firmas domésticas. Na verdade, estamos aos poucos voltando para o século passado, quando nossa economia era fechada e todos os produtos tinham que ser produzidos internamente.

Em suma, a despeito de vários artigos alarmistas, o Brasil ainda é uma economia relativamente fechada. O grau de abertura da economia brasileira (soma das exportações e importações com relação ao PIB) ainda está em torno de 18%. Nos EUA ela é 29%, na China 70 % e no Chile 80%. As barreiras tarifárias e não tarifárias à importação penalizam os consumidores, prejudicam a concorrência e diminuem as taxas de inovação e os ganhos de produtividade. Para que a indústria brasileira consiga competir com os produtores internacionais, as firmas brasileiras têm que aumentar sua produtividade, inovando e adotando práticas gerenciais modernas, para ultrapassar as barreiras associadas ao custo Brasil e ao câmbio valorizado, que vieram para ficar.

Naercio Menezes Filho, professor titular - Cátedra IFB, coordenador do Centro de Políticas Públicas do Insper e professor associado da FEA-USP. Escreve mensalmente às sextas-feiras (e-mail: naercioamf@insper.edu.br)

¹ "Imported Intermediate Inputs and Domestic Product Growth: Evidence from India" de Goldbeg, Khandelwal, Pavcnik e Topalova, Quarterly Journal of Economics, 2010